

O ASPECTO E A ALTERNÂNCIA DATIVA*

Aspect and the Dative Alternation

Heloisa Maria Moreira Lima Salles**

INTRODUÇÃO

A relação entre aspecto e propriedades sintáticas tem sido amplamente demonstrada na teoria gramatical. No presente estudo, examina-se o fenômeno da alternância dativa no inglês, demonstrando-se que a manifestação das formas variantes é determinada por fatores associados à interpretação aspectual do predicado. Assume-se o pressuposto de que o aspecto é interpretado composicionalmente na interação entre propriedades verbais e nominais realizadas na configuração verbo/complemento, o que permite estabelecer um requisito na sintaxe para o cálculo da interpretação aspectual. Nesse sentido, enfatiza-se a expressão do aspecto no *domínio da projeção do verbo* (isto é, do VP) – *aktionsart* –, embora não seja excluído que tais propriedades tenham relação com o aspecto como categoria flexional do verbo, associada, portanto, a projeções funcionais realizadas na projeção estendida do verbo – uma questão de grande interesse, que não será explorada no presente estudo.

A discussão acerca da relação entre o cálculo da interpretação aspectual e a sintaxe apoia-se em conclusão originalmente formulada em

* Agradeço a Teresa Wachowicz e a Maria José Foltran pela organização do Encontro “Nos Domínios do Verbo”, onde este trabalho foi apresentado, tendo recebido comentários valiosos da audiência, em particular de Maria José Foltran, debatedora, a quem gostaria de agradecer. Agradeço também a Rozana Reigota Naves pela leitura atenta da versão final deste texto, e por comentários relevantes. Agradeço ainda à audiência do II Ciclo de Palestras em Gramática Gerativa, realizado na Universidade de Brasília, onde este trabalho foi apresentado, pelos comentários recebidos.

** Universidade de Brasília.

Verkuyl (1972¹, 1993), e desenvolvida em estudos subsequentes (cf. TENNY (1994), DOWTY (1979), KRIFKA (1989)², entre muitos outros, a serem oportunamente examinados, segundo a qual a emergência da interpretação *télica* se dá na presença de um argumento marcado positivamente para a propriedade semântica definida com ‘quantidade específica de’ [+SQA], o qual é mapeado sintaticamente como objeto direto.

A presente análise busca identificar implicações dessa abordagem para a manifestação das variantes da alternância dativa no inglês. Para tanto, assume-se que os papéis argumentais do predicado são definidos configuracionalmente, em termos das propriedades do evento, conforme proposto na teoria da estrutura argumental de Hale e Keyser (1993), e em abordagens que levam em conta propriedades aspectuais do predicado, como Borer (1994, 2005), Schmitt (1996). Em particular, será demonstrado que a posição (canônica) de objeto direto licencia traços formais de aspecto na projeção do sintagma verbal, o que vem confirmar a hipótese, originalmente formulada em Tenny (1994), segundo a qual os papéis argumentais sintaticamente relevantes são aqueles aspectualmente relevantes.

A discussão será desenvolvida como a seguir: inicialmente será examinada a alternância dativa no inglês, apresentando-se condições e restrições quanto a sua manifestação nessa língua; em seguida, será sistematizada a fundamentação teórica para a discussão desses fenômenos, em que o aspecto é analisado como categoria sintático-semântica, a que se acrescentam outros fenômenos, que vêm corroborar a análise; finalmente, serão apresentadas as considerações finais.

1. OS FATOS

A alternância dativa é um tipo de alternância sintática entre os vários tipos de alternância observados nas línguas. De fato, existem alternâncias sintáticas decorrentes de processos de detransitivização e de transitivização, como em *O copo quebrou/ João quebrou o copo; Maria chorou/ Maria chorou seus mortos*. Outro tipo de alternância é aquele em que o número de argumentos de determinado predicado se mantém constante, havendo diferentes realizações sintáticas desses argumentos. É o caso da alternância dativa, ilustrada em (1) e (2), com dados do inglês, a serem designadas respectivamente como *dativo-P(reposicional)* e *C(onstrução) de O(bjeto) D(uplo)* (COD):

¹ O acesso à obra Verkuyl (1972) é por intermédio de Verkuyl (1993).

² O acesso à obra Krifka (1989) é por intermédio de Schmitt (1996), Borer (2005).

- (1) Mary gave a book to John
- (2) Mary gave John a book
- ‘Mary deu um livro ao/ pro João’

Conforme reconhecido na literatura, não existe diferença de significado entre (1) e (2). Além disso, o argumento ‘John’ mantém o papel temático de *recipiente/ meta* nas duas variantes. Cabe ainda notar que a alternância está associada à presença de um argumento interpretado como *possuidor* (cf. GREEN, 1974; JACKENDOFF, 1992) – ou mais precisamente à interpretação de transferência de posse (cf. PINKER, 1989; SALLES, 1997) – em oposição ao caso em que o argumento relevante é interpretado como *locativo*, como ilustrado em (3) e (4), por um lado, e (5) e (6), por outro:

- (3) John brought flowers to Mary
- (4) John brought Mary flowers
- ‘John trouxe flores para Mary’
- (5) Mary brought flowers to the table
- (6) *Mary brought the table flowers
- ‘Mary trouxe flores para a mesa’

(exemplos de GREEN, 1974, p. 103)

Em Jackendoff (1992), distinguem-se duas representações conceptuais na configuração bitransitiva: enquanto (3) e (4) denotam a relação que envolve o elemento do conjunto descontínuo e não estruturado de indivíduos, (5) pressupõe a intersecção dos três eixos ortogonais (contínuos), que definem as dimensões do espaço. Desse contraste se extrai o requisito de que somente a representação conceptual em que o argumento relevante se inscreve no conjunto dos indivíduos pode ser mapeada na variante de *objeto duplo*. Como proposto em Salles (1997), esse requisito tem implicações para a interpretação aspectual, em face do pressuposto de que o argumento interpretado como medidor do evento é necessariamente um indivíduo, o que remete à distinção na interpretação de transferência de *lugar* e de *posse*.

Nesse contraste, fica ainda evidente a relevância do traço de *animacidade*, cuja manifestação tem sido recorrentemente associada à interpretação de posse. A correlação entre a interpretação de posse e o traço de *animacidade* se confirma também nos contextos de interpretação *benefactiva*, em que a alternância dativa se manifesta (embora o verbo não seja bitransitivo) (cf. (7) e (8)).

- (7) Mary baked a cake for John
- (8) Mary baked John a cake
- ‘Mary assou um bolo para o João’

No entanto, nem sempre é possível discutir a distribuição das variantes dativo-P e COD em termos das propriedades acima referidas, conforme ilustrado em (9) e (10), que contrastam com (11) e (12), em que a alternância dativa é possível³:

- (9) John pulled/ pushed the box to Mary
- (10) *John pulled/ pushed Mary the box
'John puxou/ empurrou a caixa para Mary'
- (11) John threw the ball to Mary
- (12) John threw Mary the ball
'John jogou a bola para Mary'

Na discussão dos dados de (9) a (12), Pinker (1989) propõe que, por uma regra lexical associada ao verbo, o papel temático de *paciente* pode ser atribuído em sobreposição ao papel de *alvo da localização*, configurando-se assim a interpretação de transferência de posse.

[...] verbs that denote instantaneous impart of force to an object causing ballistic physical motion – *throw, kick, slide, roll, bounce* – can be given a new meaning, roughly to cause someone to possess an object by means of **instantaneously imparting** force to it. Thus an argument that is ordinarily a goal of location change can now also be assigned the role of patient of a possession change [...] However, this lexical rule does not apply to similar verbs, such as those whose definitions involve **continuous exertion** of force resulting in the guided motion of a theme, such as *carry, pull, push*. (PINKER, 1989, p. 103)

Outro aspecto que caracteriza a alternância dativa é sua distribuição translinguística. No tronco indo-europeu, é encontrada na família germânica – no inglês, nas línguas escandinavas e no holandês. Reporta-se sua manifestação no chinês (cf. ZHANG, 1990) e no indonésio (cf. EMONDS, 1993). Em línguas africanas da família banto, como o chichewa (cf. BAKER, 1988, 1995), e também em línguas da América do Sul, como o panará, da família Jê (cf. DOURADO, 2001), identificam-se as construções *aplicativas*,

³ Uma questão interessante, observada por Rozana Naves (c.p.), diz respeito à possibilidade de predicados do tipo *push/ pull* admitirem a variante preposicionada com *for*, com interpretação benefactiva (cf. (i)).

(i) John pushed the box for Mary (=Mary benefited from the event of John pushing the box)
Igualmente a variante COD, com o significado (benefactivo) não está disponível – *John pushed Mary the box (=Mary benefited from the event of John pushing the box to her).

em que, na presença do morfema *aplicativo* no verbo, uma configuração do tipo COD é encontrada, além da variante preposicionada⁴. Nas línguas em que não há a alternância dativa (como nas línguas românicas), é a variante COD que não ocorre⁵.

Do ponto de vista translinguístico, pode-se dizer que a variante COD no inglês corresponde à gramaticalização da função dativa da mesma forma que o clítico dativo nas línguas românicas e o caso morfológico no alemão (ver nota 6). Têm-se assim elementos para sugerir que as restrições na manifestação da alternância dativa se explicam em termos paramétricos. Uma vez presentes as condições necessárias para a manifestação dessa opção paramétrica, cabe então identificar fatores que determinam sua manifestação no âmbito de determinada gramática. Passamos a uma síntese da abordagem teórica a ser adotada na discussão dos dados relevantes do inglês.

2. A SINTAXE DO ASPECTO

O estudo de vários fenômenos – particularmente de alternâncias sintáticas – tem demonstrado que a interpretação aspectual (*aktionsart*) está sintaticamente representada. De fato, o caráter composicional da interpretação télica, identificado na articulação entre as propriedades do verbo e do argumento interno (em articulação com propriedades semânticas de cardinalidade codificadas pelo argumento interno direto), é amplamente reconhecido, desde o trabalho de Verkuyl (1972, 1993), tendo sido examinado sob diferentes enfoques em estudos subsequentes (cf. DOWTY, 1979; TENNY, 1994; KRIFKA, 1989; BORER, 1994, 2005; SCHMITT, 1996, entre muitos outros). Desse enfoque, resulta o estabelecimento de uma tipologia

⁴ Ilustra-se com dados do chichewa a construção aplicativa, em oposição à variante preposicional. Note-se a presença do morfema {-ir-} anexado à raiz verbal – designado como morfema *aplicativo*.

(i) Ndi-na-tumiz-a chipanda cha mowa [_{PP} kwa mfumu].

1sS-PAST-enviar-ASP calabash de cerveja para chefe

‘Enviei um cesto de cerveja para o chefe’

(ii) Ndi-na-tumiz-ir-a [_{DAT} mfumu] chipanda cha mowa.

1sS-PAST-enviar-APL-ASP chefe cesto de cerveja

‘Enviei um cesto de cerveja para o chefe’ (exemplos traduzidos de BAKER, 1988,

p. 229)

⁵ Não nos deteremos em estudos que propõem analisar como COD configurações com clíticos dativos em línguas românicas (cf. DEMONTE, 1995). Construções com dois objetos, em línguas com caso morfológico, como em (i), também não são analisadas como as construções COD do inglês:

(i) Mary gab Max/ dem jungem ein Buch

M. dar Max/ o.DAT menino um.ACC livro ‘M. deu um livro para o Max/ o

menino’

de eventos, em que se distinguem, por um lado, predicados marcados como télicos (culminações/ *achievements* e processos culminados/ *accomplishments*) e, por outro, predicados atélicos (processos), os quais, por sua vez, distinguem-se dos estados.

Com base nesses pressupostos, são analisados os predicados de comportamento variável (*variable-behaviour predicates*), ilustrados em (13) e (14), do italiano, em que o mesmo verbo está associado, respectivamente, à interpretação atélica e télica, com implicações para a seleção do auxiliar:

(13) Gianni a corso

G. há corrido 'Gianni correu'

(14) Gianni e corso a casa

G. é corrido para casa 'Gianni correu para casa'

Considerando-se que a seleção do auxiliar 'avere' e 'essere' codifica, respectivamente, a oposição inergativo *vs.* inacusativo, tem-se que o argumento 'Gianni' é mapeado como argumento externo, em (13), e como argumento interno, em (14), ficando demonstrada a vinculação entre a interpretação télica e a presença do argumento na posição de complemento do verbo – em articulação com a presença do sintagma preposicional, interpretado como delimitador do evento⁶.

Tal questão remete ao problema do *linking* – isto é, às condições que definem o mapeamento sintático dos argumentos de determinado predicado. Duas abordagens para o *linking* são encontradas: (i) aquela em que as propriedades da estrutura argumental são definidas no nível da entrada lexical – cabendo definir condições estruturais para o mapeamento dos argumentos, o que pode ser feito em termos de hipótese baseada na uniformidade da atribuição de papel temático no nível sintático – conhecida

⁶ Borer (2005) observa que, na literatura, há propostas em que a oposição inergativo-inacusativo é reduzida à semântica composicional dos predicados (cf. DOWTY, 1979; VAN VALIN, 1990, citados pela autora). Assim, o contraste em (13) e (14), do italiano, é explicado sem recorrer-se à sintaxe, incluindo-se a cliticização de *ne*. Essa análise poderia viabilizar ainda uma abordagem tanto sintática quanto semântica. A autora conclui que a escolha entre as opções de análise deve ser empírica, e a forma de verificação consiste em investigar se existem propriedades associadas a essas construções que não são redutíveis à oposição télico *vs.* atélico. Borer (2005) apresenta então argumento de base sintática, recorrendo à análise de Levin e Rappaport Hovav (1989), citadas pela autora, em que é demonstrado que a cliticização do *ne*, em italiano, requer que o argumento relevante esteja na posição pós-verbal – o que vem confirmar que a oposição inergativo-inacusativo (que remete respectivamente ao contraste atélico *vs.* télico) requer ainda o posicionamento sintático distinto para o argumento, respectivamente o de argumento 'externo' e o de argumento 'interno' (cf. contraste entre (ia) e (ib), em oposição a (ii)).

(i) a. Ne arrivano [molti *ne*]

of-them arrive many

b. *[molti *ne*] ne arrivano

(ii) *ne telefonano [molti *ne*]

por UTAH (cf. BAKER, 1988) –, ou de hierarquias temáticas (cf. PESETSKY, 1995); (ii) aquela em que a projeção dos argumentos (e por consequência a interpretação dos papéis argumentais) é determinada composicionalmente em termos das categorias sintáticas envolvidas – cuja estrutura é determinada pelo tipo de evento, o qual pode ser definido por propriedades aspectuais do predicado (cf. BORER, 1994, 2005) ou por propriedades ontológicas das categorias envolvidas (cf. HALE; KEYSER, 1993).

A escolha entre as opções em (i) e (ii) tem implicações para a análise dos dados em (13) e (14), por exemplo. Enquanto (i) pressupõe a postulação de mais de uma entrada lexical, em face dos diferentes mapeamentos sintáticos do argumento relevante, (ii) requer o estabelecimento das condições em que se definem as relações entre as categorias envolvidas na projeção sintática, o que tem sido implementado em muitos estudos em termos da estrutura do evento – tendo como pressuposto o fato de que interpretação aspectual (*aktionsart*) é sintaticamente representada.

No presente estudo, será adotada a abordagem em (ii). Considera-se desejável não onerar o léxico, com a proliferação de entradas lexicais para dar conta de diferentes possibilidades de mapeamento sintático dos argumentos associados a determinado predicado (como em (13) e (14)). Além disso, a correlação entre o mapeamento sintático dos argumentos e o aspecto tem sido amplamente demonstrada – embora o sistema em (i) admita uma abordagem em termos da noção de subespecificação lexical.

Entre os estudos que exploram a abordagem em (ii), também conhecida como a abordagem sintática (ou arquitetural) da estrutura argumental, está o de Borer (2005). Nessa abordagem, papéis argumentais são interpretados na projeção de núcleos funcionais marcados por traços aspectuais, a qual é definida pela estrutura do evento, sendo o argumento interno realizado em uma posição associada à semântica de quantidade. O pressuposto da proposta, originalmente formulada em Tenny (2004), é o de que os papéis argumentais sintaticamente relevantes são aqueles também relevantes para a interpretação aspectual. Nesse sentido, as propriedades da projeção sintática são independentes das propriedades lexicais definidas pelo predicado, embora haja um pressuposto de compatibilidade lexical, implícito na noção de composicionalidade, pelo qual combinações incoerentes são excluídas. Conforme ressaltado em Borer (2005, p. 46), “all direct arguments bear a relationship with the event, rather than the verb, and the verb itself is a modifier of that event, rather than a determinant of its interpretation”⁷.

⁷ “O objeto direto, mais do que o verbo, tem relação com o evento; mais do que um determinante dessa interpretação, o verbo propriamente dito é o modificador desse evento”. [tradução da autora].

Retém-se neste ponto a ideia segundo a qual a interpretação *aktionsart* não é derivada do léxico, mas de configurações sintáticas específicas e universais, sendo os papéis argumentais, como ‘agente’ vs. ‘tema’, inferidos (por acarretamento) da interpretação *aktionsart* do evento: enquanto eventos atéticos implicam agentividade (como em *A menina correu*), eventos télicos implicam não agentividade (como em *A janela quebrou*). Partindo-se do pressuposto de que existe correspondência entre as propriedades quantificacionais do evento e as propriedades quantificacionais do nome realizado como argumento interno direto, demonstra-se que, na variante COD, as propriedades quantificacionais do argumento interno (na posição de objeto direto) associadas a um traço (formal) de aspecto na projeção do evento conferem valor quantificacional às divisões do evento, as quais são projetadas com valores em aberto (considerando-se ainda que a estrutura do evento pode ser sintaticamente afetada por outros constituintes que não o argumento interno na posição de objeto direto, como o argumento PP e advérbios de duração temporal – o que configura a oposição entre aspecto interior (*inner*) e exterior (*outer*), originalmente formulada em Verkuyl (1972).

A abordagem sintática da estrutura argumental é adotada em muitas análises, com diferentes implementações. Enquanto algumas são mistas, adotando-se uma estrutura sintática para *aktionsart*, em termos dos argumentos acima formulados, e papéis argumentais analisados como primitivos – e, portanto, não tributários da configuração estrutural do aspecto – (cf. SCHMITT, 1996), outras abordagens não estabelecem correlação explícita entre a configuração sintática e a interpretação aspectual. É o caso de Hale e Keyser (1993, p. 53), que postulam que a relação de *causação* inerente a predicados de mudança de estado corresponde a uma sintaxe no nível do léxico: “each lexical head projects its category to a phrasal level and determines within that projection an unambiguous system of structural relations holding between the head, its categorial projections and its arguments (specifier, if present, and complement).” O evento que envolve *mudança de estado* é, portanto, uma projeção de núcleos lexicais, em que se articulam o predicado e seu(s) argumento(s). Nesse sentido, papéis temáticos são uma propriedade da configuração projetada, sendo papéis temáticos derivativos do requisito seletional que determina a operação *merge* na base (*a root operation*), dada uma teoria da projeção sintagmática nua (*bare phrase structure*) (cf. CHOMSKY, 1995, e obras subsequentes no quadro do programa minimalista, em que a teoria da estrutura argumental de HALE; KEYSER, 1993, é adotada).

Na análise da alternância dativa, Hale e Keyser (1993) propõem que o evento corresponde a uma *relação de causação*, que implica uma *inter-relação*, sintaticamente realizada em uma configuração projetada por

V e P, a qual descreve uma *mudança de estado*. Crucialmente, a posição de especificador do sintagma preposicional é saturada pelo argumento *afetado*, conforme ilustrado em (15).

$$(15) \quad [_{VP} V [_{DP_{1tema}} [_P P DP_{2meta}]]]$$

Os argumentos realizados por DP_1 e DP_2 podem trocar de posição, o que significa que DP_{2meta} pode ser realizado na posição do argumento *afetado*, uma característica da interpretação de posse. Na ordem $DP_{2meta} - DP_{1tema}$, o núcleo P corresponde à preposição abstrata *with* (=com), a qual pode ou não ter matriz fonológica. Nessa configuração, são geradas, respectivamente, as variantes *Mary provides John with food* (=M. provê J. com comida), *Mary gives John food* (=M. dá comida ao J.)⁸.

Essa abordagem da alternância dativa não dá conta, porém, das restrições quanto à distribuição das variantes no âmbito de determinada gramática, ilustradas de (9) a (12), com os dados do inglês (cf. seção 1). Propõe-se então que os fatos relativos a tal distribuição sejam explicados assumindo-se que propriedades aspectuais estão representadas na configuração em (15), incluindo-se o núcleo *v* na projeção de V – a VP *shell*. O núcleo *v* codifica propriedades formais associadas ao licenciamento do objeto direto – além de projetar o *locus* da fusão do argumento externo (SpecvP) (cf. CHOMSKY, 1995, 2001). A ideia de associar propriedades aspectuais à projeção v-VP (PP) – ou a núcleos funcionais na projeção estendida de V – está formulada em vários estudos (cf. BORER, 1994, 2005; SCHMITT, 1996; SALLES, 1997; ARAD, 1998, entre outros).

Em Travis (2005), examina-se a hipótese segundo a qual uma projeção articulada de VP é o domínio em que deve ocorrer a computação necessária para determinar a interpretação aspectual (ou as classes aspectuais de verbos, no sentido de Vendler). Para tanto, são adotados os pressupostos a seguir: (i) o domínio da lexicalização e da composicionalidade semântica de significados idiossincráticos é a projeção (articulada) VP; (ii) a posição de DPs em relação a certos advérbios permite demonstrar que o VP é o domínio de fechamento existencial (*existential closure*), no sentido de Diesing (1992). No domínio de VP, a telicidade pode ser codificada em três núcleos, assumindo-se uma sintaxe no nível lexical (*l-syntax*). São eles: *v* (categoria/ operador do tipo *functor*, por ligar variáveis do evento; determina ponto final/ ponto inicial/ ponto inicial

⁸ Em Hale e Keyser (ms.), a variante COD é mapeada em uma projeção recursiva de V (cf. (i)):

(i) Mary gave [_{VP} [John] V_{give} [_{VP} [a book] [_{VP} V_{give} [_{DP_{John}}]]]

No presente estudo, adota-se a hipótese de que a projeção, tanto na variante COD como na Dativo-P, envolve categorias idênticas (a saber V e P).

arbitrário); *Asp* (categoria funcional; determina ponto final/ ponto inicial); e *X^o* (categoria lexical do tipo A/ P; determina somente o ponto final) (cf. (16)). Dada a distribuição do DP medidor do evento ($DP_{E(vent)M(easurer)}$), os marcadores de telicidade têm escopo distinto, extraíndo-se diferentes interpretações aspectuais da interação entre os núcleos aspectuais e o ponto de inserção de DP_{EM} .

$$(16) [_{VP} (DP_{EM}) [_{V'} v [_{AspP} (DP_{EM}) [_{Asp'} Asp [_{VP} V [XP]]]]]$$

Em construções como *Mary hammered the metal flat* (=Mary martelou o metal plano), impossível em português, a telicidade é codificada por X, realizado pela categoria A (*flat*). O marcador da telicidade tem, portanto, escopo abaixo do DP_{EM} (*the metal*). Pelo fato de AP não ter escopo sobre o DP_{EM} , na presença de um nominal marcado como [-SQA], isto é, marcado negativamente em relação à noção *quantidade específica de*, como em *Mary hammered metals flat [for many hours]*, a interpretação é atélica, independentemente do fato de XP (*flat*) codificar um ponto final. Esse contraste é captado em outras abordagens em termos da oposição entre aspecto interno e externo (*inner vs. outer aspect*, no sentido de Verkuyl), ou ainda em termos do pressuposto de que elementos distintos do DP_{EM} podem modificar, mas não apagar a interpretação imposta na configuração em que ocorre, o que vem confirmar a relevância das propriedades do argumento interno (direto) para o cálculo da interpretação aspectual.

Assume-se, portanto, que o predicado e seus argumentos são realizados em uma configuração sintática em que são computadas propriedades aspectuais. Nessa abordagem, adota-se uma versão da teoria de Hale e Keyser (1993), com o pressuposto adicional de que a posição do argumento interno direto na projeção sintática do evento (cf. (16)) determina diferentes formas de computação da interpretação aspectual, no espírito da abordagem de Travis (2005). Em relação à alternância dativa (do inglês), assume-se que somente um núcleo aspectual acima de VP é gramaticalmente ativo. Por essa razão, será adotada uma configuração articulada com apenas o nível *v* acima da projeção de V.

3. O ASPECTO E A ALTERNÂNCIA DATIVA EM INGLÊS

Nesta seção, passamos a examinar a alternância dativa no inglês, considerando particularmente restrições à manifestação da variante COD, referidas na seção 1. Na discussão, serão examinados inicialmente os dados de alternância, assumindo-se a abordagem arquitetural do mapeamento

sintático dos argumentos. Demonstra-se que restrições à manifestação das variantes – particularmente da variante DOC – são determinadas em termos do cálculo das propriedades aspectuais do predicado.

Conforme mencionado anteriormente, a alternância dativa (em inglês) consiste de duas construções – designadas como *dativo-P(reposicional)* e construção de *objeto duplo* (COD) – que descrevem o mesmo conteúdo proposicional, tendo, portanto, o mesmo valor de verdade (cf. (3) e (4), repetidas como (17) e (18), respectivamente):

(17) Mary gave a book to John

(18) Mary gave John a book

Nos termos de Hale e Keyser (1993), o evento de transferência de posse denotado pelas variantes da alternância dativa são projeções de V e P (cf. (15)), sendo o *possuidor* interpretado como o argumento *afetado*. Seguindo (parcialmente) a abordagem de Travis (2005), assume-se que essa projeção compreende os núcleos (télcos) *P* e *v*, na qual são realizadas ambas as variantes, conforme ilustrado em (19) (cf. seção 2).

- (19) a. ... Mary ..._{[_{VP} v_{give} [_{VP} V_{give} [_{PP} [_{DP1} a book] [_{P'} to [_{DP2} John]]]]]}
 b. ... Mary ..._{[_{VP} v_{give} [_{VP} V_{give} [_{PP} [_{DP2} John] [_{P'} P_∅ [_{DP1} a book]]]]]}

O paralelo estrutural entre (19a) e (19b) confirma-se por captar assimetrias em relações de ligação anafórica, como em (20) e (21). Assumindo-se que tais relações são determinadas em termos de c-comando (e não por adjacência linear), a presença do núcleo P (nulo) permite explicar por que em (21) é o DP na primeira posição que liga o DP na segunda posição, e não o contrário (cf. BARSS; LASNIK, 1986).

(20) a. I showed John himself in the mirror

b. *I showed himself John in the mirror

(21) a. I showed John to himself in the mirror

b. *I showed himself to John in the mirror

A alternância dativa consiste, portanto, na possibilidade de o argumento interpretado como *possuidor* ser mapeado: (i) como complemento do núcleo P, o marcador télco que indica o ponto final no desenvolvimento do evento (cf. (19a)); (ii) como especificador de *vP*, codificando a interpretação aspectual, por composicionalidade com o marcador télco *v*, dado o papel desse núcleo no licenciamento formal do argumento (cf. (19b)).

De fato, é possível demonstrar que, na variante COD (cf. (19a)), o argumento interpretado como *possuidor* é o que induz a leitura télca:

uma vez realizado por um sintagma nominal marcado como [-SQA], isto é, como *quantidade não específica*, a leitura télica não é possível – independentemente de o outro argumento ser marcado como [+SQA] (cf. (22a), em oposição a (22b)).

- (22) a. I gave the baby juice/ the juice (in two minutes)
 b. I gave babies the juice (*in two minutes)
 (exemplo adaptado de Borer [2005, n.13, p. 78])

Seguindo a proposta de Travis (2005) (cf. seção 2), nessa configuração, o marcador télico P, sendo associado (somente) à delimitação do ponto final, não tem escopo sobre o argumento *juice*, o que explica que a interpretação télica seja anulada na presença de um nominal marcado como [-SQA]⁹. Em contextos de transferência de lugar, como em *Mary put the book on the table* (=Maria pôs o livro sobre a mesa), em que a projeção sintática está igualmente associada aos núcleos lexicais V e P, somente a opção *P-locativo* (o correlato de *P-dativo*) é encontrada.

- (23) ... Mary ... [_{VP} v_{put} [_{VP} V_{put} [_{PP} [_{DP1} a book] [_{P'} on [_{DP2} the table]]]]]

Conforme observado em Salles (1997), a restrição quanto à ocorrência da variante COD (*objeto duplo*), crucialmente observada no contraste entre predicados locativos e possessivos, limita-se a predicados *eventivos*, em que a ‘transferência’ – seja de posse, seja de lugar – configura *mudança de estado*. Em predicados *estativos*, não há requisito quanto à delimitação do evento, sendo as duas configurações possíveis (cf. (24a) e (24b)). Nesse caso, os núcleos sintáticos – v e P – não são marcados como núcleos télicos, sendo o mapeamento sintático dos argumentos determinado por propriedades (ontológicas) das categorias que realizam os núcleos lexicais envolvidos.

- (24) a. ... Mary ... [_{VP} v_{owe} [_{VP} V_{owe} [_{PP} [_{DP1} a book] [_{P'} to [_{DP2} John]]]]]
 b. ... Mary ... [_{VP} v_{owe} [_{VP} V_{owe} [_{PP} [_{DP2} John] [_{P'} P_Ø [_{DP1} a book]]]]]
 ‘Mary deve um livro ao João’

⁹ É interessante notar que o teste com o advérbio do tipo *in X time/em X tempo* é particularmente revelador em contextos em que o elemento transferido é interpretado como algo que se consome, o que remete à interpretação do verbo *give/ dar* como ‘administrar’/‘prover’ (como em (22)). No caso em que o argumento transferido é um objeto, essa interpretação desaparece, dando lugar a um evento *instantâneo* (cf. *Maria deu o brinquedo para o menino [#em 5 minutos]*). O contraste parece estar, portanto, associado à oposição entre *processos culminados* (*accomplishments*) e *culminações* (*achievements*), no sentido da classificação de Vendler. Note-se que, em ambos os casos, a interpretação télica é possível. Na presente discussão, é suficiente demonstrar a vinculação entre os dois tipos de eventos em termos da interpretação télica. Para uma análise da oposição entre *accomplishments* e *achievements*, considerando-se estudos prévios, e ainda propondo implicações para a estrutura sintática, ver Borer (2005).

Considere-se a seguir o contraste ilustrado em (9) e (10), por um lado, e (11) e (12), por outro, repetido a seguir, respectivamente, como (25a) e (25b), e (26a) e (26b). Conforme ressaltado anteriormente, de acordo com Pinker (1989) (cf. seção 2), verbos que descrevem a propriedade ‘força exercida instantaneamente’ (*throw*/jogar; *kick*/chutar), em oposição aos que descrevem a propriedade ‘força exercida continuamente’ (*push*/empurrar; *pull*/puxar), apresentam uma regra lexical que converte o argumento interpretado como *alvo da localização* em *alvo da posse*.

- (25) a. John pulled/ pushed the box to Mary
 b. *John pulled/ pushed Mary the box
 (26) a. John threw the box to Mary
 b. John threw Mary the box

Em termos da presente análise, a ocorrência de COD está restrita à interpretação ‘força exercida instantaneamente’, sendo o cálculo da interpretação aspectual do evento obtido (composicionalmente) pelo argumento interno direto realizado em articulação com o marcador télico *v*, em specvP. Cabe então indagar por que o evento em que o verbo descreve uma ‘força exercida continuamente’ exclui a possibilidade COD, sendo o cálculo da interpretação télica obrigatoriamente por meio do marcador télico P¹⁰. De fato, é possível demonstrar que o núcleo *v* associado à projeção de V_{pull/push} não é um marcador télico, uma vez que o mapeamento do argumento interpretado como a entidade deslocada (*the box*=a caixa) na projeção articulada v-V não propicia a delimitação do evento, como ilustrado em (27).

- (27) John pulled the box (for 15 minutes)/ (*in 15 minutes)

Trata-se de um predicado transitivo atélico, um tipo de evento identificado na classificação de Vendler como *processo*. Outro exemplo de transitivo atélico é *Maria tocou a sonata/ Mary played the sonata*. O que caracteriza tais eventos é o fato de a interpretação atélica ocorrer independentemente de o argumento interno ser ou não marcado como [+SQA], embora esse mesmo argumento participe do cálculo da interpretação de processo, pela qual se depreendem propriedades semânticas associadas ao desenvolvimento do evento – como mudança de estado em progresso, afetação (por deslocamento do objeto/emissão dos sons musicais) (cf. BORER, 2005, p. 98) para discussão inspi-

¹⁰ Veja-se Salles (1997) para uma análise desse contraste em termos de aspecto, sem considerar, porém, os detalhes da formalização proposta em Travis (*op. cit.*).

radadora acerca desse tipo de evento, no que se refere às considerações sobre a participação do objeto direto no cálculo da interpretação de processo)¹¹.

3.1 CASOS ADICIONAIS DE RESTRIÇÃO À OCORRÊNCIA DE COD

Casos adicionais de restrição à ocorrência de COD são analisados em Pesetsky (1995, p. 142), no âmbito de uma teoria que explica a distribuição das formas variantes da alternância dativa em termos da chamada hipótese da *morfologia G*, que postula um núcleo sintático com realização nula e propriedades afixais na projeção bitransitiva (comparável, portanto, à preposição nula). Os dados relevantes estão distribuídos em dois grupos: (a) verbos de ‘comunicação de proposição’ – *say, assert, question, claim* (=dizer, asseverar, questionar, postular) – não ocorrem na configuração DOC, limitando-se à configuração dativo-P (cf. (28)); em oposição a verbos de ‘mensagem comunicada’ – *tell, show, ask, quote, cite* (=contar, mostrar, perguntar, referir) –, que ocorrem na configuração DOC (cf. (29)):

- (28) a. * Mary said John that....
- b. * Mary asserted John that...
- (29) a. Mary told John to leave...
- b. Mary asked John to leave...

(b) verbos que denotam o modo da fala – *shout, murmur, whisper* (=gritar, mumurar, sussurrar) – não ocorrem na configuração DOC (cf. (30)); em oposição a verbos que denotam o instrumento da comunicação – *e-mail, telegraph, telephone* –, que ocorrem na configuração DOC (cf. (31)).

- (30) *Mary shouted John that....
- (31) Mary e-mailed John that...

Na análise de Pesetsky (*op. cit.*), os contrastes em (a) e (b) são discutidos em confronto com o contraste entre verbos do tipo *pull/push* vs. *throw/kick*.

¹¹ Da discussão acerca da interpretação semântica do argumento (direto) nos chamados *transitivos atélcos* – em que se incluem construções com objeto [-SQA], do tipo *construir casas* –, cabe citar a observação de Borer (2005, p. 98): “Turning to the interpretation of arguments such as *the cart* [push the cart] or *houses* [build houses], I suggest that they are assigned a default participant interpretation, to be calculated on the basis of other, fully specified components of the event. Specifically, if event representations with a default participant such as in [*Kim pushed the cart*] are viewed as an algebraic formula with one variable, it becomes rather trivial to calculate the value of the participant as the participant in an event which is otherwise an activity, which is predicated of *push* and which has an specific originator (i. e. *Kim*).”

I will hazard guess that this contrast is in fact a special case of the more general distinction between verbs of 'instantaneous causation of ballistic motion' and 'continuous causation of accompanied motion'. The verbs of 'communicated message' involve an initial act by the communicator that results in a message being received by a *communicatee*, but other aspects of the transmission of the message are out of the hands of communicator. This is why these verbs in one way or another characterize the message and do not name the proposition transmitted by the communicator. [...] In a slightly different instantiation of 'ballistic motion', if *I write* someone a letter, once the letter is sent I am no longer accompanying it on its journey [...] The verbs of 'communication of propositions', on the other hand, involve a communicative act that is supervised (or accompanied) by the communicator, so that the proposition understood by the *communicatee* is precisely the proposition uttered by the communicator. [...] Thus, with *say*, but not with *tell*, there is a sense in which the acts [of the communicator] are responsible for every step in the communication [of the proposition] to a hearer. (PESETSKY, 1995, p. 142-3)

Adotando-se a perspectiva de Pesetsky (*op. cit.*), é possível assumir que a semântica da 'supervisão' pelo originador do evento traduz-se por um requisito do cálculo aspectual: assim como na análise de predicados com verbos como *pull/push*, em oposição a *throw/ kick*, verbos como *say*, em oposição a *tell*, são licenciados pelo núcleo télico P, mas não por *v*, o qual, por hipótese, não é marcado para o traço de telicidade.

Outras questões podem ser analisadas em termos das considerações presentemente formuladas. Em particular, trata-se de retomar construções amplamente discutidas na literatura em que se identificam contrastes na interpretação aspectual. É o caso da chamada *alternância locativa*, ilustrada em (32a) e (32b), em que se atribui uma interpretação de completude para a última, mas não para a primeira variante.

- (32) a. John loaded hay in the truck
b. John loaded the truck with hay

Naturalmente, a alternância locativa apresenta propriedades sintático-semânticas que a distinguem crucialmente da alternância dativa. Deixamos para estudo futuro a discussão dessas construções e das alternâncias sintáticas de um modo geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado teve como objetivo examinar características da alternância dativa no inglês, buscando-se discuti-la em termos da hipótese segundo a qual a estrutura argumental é determinada pela estrutura do evento, a qual, por sua vez, corresponde a um sistema de relações projetadas pelo(s) núcleo(s) lexical(is) e seu(s) argumento(s), a que se associam propriedades (formais) relevantes para o cálculo da interpretação aspectual.

Partindo-se do pressuposto de que as variantes são projeções dos núcleos [v-V-P], sendo *v* e *P* marcadores de telicidade, demonstrou-se que o mapeamento dos argumentos nessa configuração é determinado pela interação sintática entre o marcador de telicidade e o argumento interno na posição de objeto direto, o que propicia dois tipos de cálculo da interpretação aspectual. Na variante COD, o argumento interpretado como *possuidor* articula-se, por composicionalidade (e por um requisito formal de licenciamento gramatical) com o núcleo télico *v*; na variante dativo-P, a interpretação aspectual é determinada pelo núcleo télico *P*, em articulação, por composicionalidade, com o argumento interpretado como *possuidor*.

Considera-se que a análise proposta vem dar suporte à abordagem do mapeamento da estrutura argumental baseada nas propriedades do evento, definidas como um sistema de relações entre núcleos sintáticos, em que estão representadas instruções para a interpretação pelo componente semântico em articulação com o sistema conceitual e o conhecimento enciclopédico pelos quais se constituem os significados idiossincráticos atualizados nessa estrutura. Entre as questões que permanecem em aberto, está a relação entre as propriedades da alternância dativa presentemente discutidas e outras alternâncias sintáticas, o que deixamos para investigação futura.

RESUMO

O estudo examina características da alternância dativa no inglês, considerando-se particularmente restrições à manifestação da configuração de objeto duplo (COD). A análise parte da hipótese segundo a qual a estrutura argumental é determinada pela estrutura do evento, a qual, por sua vez, corresponde a um sistema de relações projetadas pelo(s) núcleo(s) lexical(is) e seu(s) argumento(s), a que se associam propriedades (formais) relevantes para o cálculo da interpretação aspectual. Assume-se que o aspecto é interpretado composicionalmente na interação entre propriedades verbais e nominais realizadas na configuração verbo/complemento. Em particular, demonstra-se que a

posição (canônica) de objeto direto licencia traços formais de aspecto na projeção do sintagma verbal, o que vem confirmar a hipótese, originalmente formulada em Tenny (1994), segundo a qual os papéis argumentais sintaticamente relevantes são aqueles aspectualmente relevantes. Partindo-se do pressuposto de que as variantes são projeções dos núcleos [v-V-P], conforme proposto em Travis (2005), sendo *v* e *P* marcadores de telicidade, demonstra-se que, na variante COD, o argumento interpretado como *possuidor* é licenciado pelo núcleo télico *v*; na variante dativo-P, o argumento *possuidor* é licenciado na posição de complemento do núcleo télico *P*. A manifestação dessas opções, particularmente da variante COD, é determinada parametricamente, em termos do licenciamento de traços formais do objeto (direto).

Palavras chaves: *aspecto; alternância sintática; dativo.*

ABSTRACT

The study examines the syntax of the dative alternation in English, by taking into account the conditions determining the occurrence of the double object construction (DOC). The analysis is based on the hypothesis according to which the argument structure is determined by the structure of the event, which in turn corresponds to a system of relations projected by the lexical heads and their arguments, to which formal properties relevant to the calculus of the aspectual interpretation are associated. It is thus assumed that aspect is interpreted compositionally by the verbal and the nominal properties in the verb-complement configuration. In particular, it is argued that the (canonical) position of the direct object licenses the formal features of aspect in the verbal projection, confirming Tenny's (1994) original hypothesis stating that the thematic roles syntactically relevant are the ones that are aspectually relevant. Assuming that the variants in the dative alternation are projections of the heads [v-V-P], *v* e *P* being telicity markers, as proposed in Travis (2005), it is argued that in the COD variant, the *possessor* argument is licensed by the telic head *v*; in the variant dative-P, the *possessor* argument is licensed in the complement position of the telic head *P*. The occurrence of these options, particularly the variant COD, is parametrically determined, in terms of the licensing of the formal features of the (direct) object.

Keywords: *aspect; syntactic alternation; dative.*

REFERÊNCIAS

- ARAD, Maia. *VP Structure and the Syntax-Lexicon Interface*. PhD Dissertation - University College London. London, 1998.
- BAKER, Mark. *Incorporation*. Chicago: Chicago University Press, 1988.
- _____. *The Polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- BARSS, A.; LASNIK, Howard. A note on anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, n. 17, p. 347-354, 1986.
- BORER, Hagit. The projection of arguments. In: BENEDICTO, Elena; RUNNER, Jeff. (Eds.). *University of Massachussets Occasional Papers in Linguistics* 17. Amherst: GLSA, 1994.
- _____. *The Normal Course of Events*. Structuring Sense II. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- _____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- DEMONTE, Violeta. Dative alternation in Spanish. *Probus*, n. 7, p. 5-30, 1995.
- DIESING, Molly. *Indefinites*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- DOURADO, Luciana. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- DOWTY, David. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- EMONDS, Joseph. Projecting indirect objects. *The Linguistic Review*, n. 10, p. 211-263, 1993.
- GREEN, Georgia. *Semantics and Syntactic Regularity*. Bloomington: Indiana University Press, 1974.
- HALE, Ken; KEYSER, Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Jay (Eds.). *The View from the Building* 20. Cambridge: MIT Press, 1993.
- JACKENDOFF, Jay. *Languages of the Mind. Essay on Mental Representation*. Cambridge: The MIT Press, 1992.
- KAYNE, Richard. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris, 1984.
- KRIFKA, Manfred. Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification in Event Semantics. In: BARTSCH, R.; VAN BENTHEM, J.; VAN EMDE BOAS, P. (Eds.). *Semantics and Contextual Expression*. Dordrecht: Foris, 1989.
- LARSON, Richard. On the double object construction, *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 335-91, 1988.
- LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Unaccusativity: at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge: The MIT Press, 1989.
- MARANTZ, Alec. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.
- PESETSKY, David. *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- PINKER, Steven. *Learnability and Cognition*. Cambridge: The MIT Press, 1989.
- SALLES, Heloisa M-L. *Prepositions and the Syntax of Complementation*. PhD Dissertation. University of Wales, 1997.
- SCHMITT, Cristina. *Aspect and the Syntax of Nouns Phrases*. Doctoral Thesis. University of Maryland, 1996.

TENNY, Carol. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994.

TRAVIS, Lisa. Articulated VP and the Computation of Aktionsart. In: KEMPCHINSKY, Paula; SLABAKOVA, Roumyana. (Eds.). *Aspectual inquiries*. Issues and Interfaces in the Study of Aspect. Dordrecht: Springer, 2005. p. 69-94.

VERKUYL, H. *A Theory of Aspectuality*: the Interaction Between Temporal and Atemporal Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ZHANG, S. On the correlation between the Double Object Constructions and Preposition Stranding. *Linguistic Inquiry*, v. 21, p. 2, p. 312-316, 1990.

Submetido em 24/05/2010

Aceito em 12/08/2010